

## 2

### Contrainstituição, Contradesconstrução

#### 2.1

#### Contrainstituição, Contradesconstrução

Quem ou o que indicam as contrainstituições hoje? Que forma elas podem tomar e por quê?

Na conferência de 1999, publicada sob o título de *A Universidade sem condição*, Derrida propõe um repensar da Universidade que incluiria uma redefinição continuada em sua variedade de contextos: globalização; a reestruturação do Estado-Nação; a transformação da política internacional contemporânea; o advento do chamado capitalismo tardio; o reajuste da mão de obra do mercado; a intensificação da comercialização que aumenta a necessidade de aprendizado de “qualidade”; a retomada do debate sobre a Universidade na cena contemporânea; o crescimento de discursos institucionais, programas e práticas amarradas à noção de “excelência” etc. Em vista dessas difíceis questões, Derrida mostra a importância das “novas humanidades” a serem contempladas. Ele está sempre muito atento ao que permanece invisível, ocultado, ou imprevisto na fundação, orientação, ou futuro da Universidade. Essas “novas humanidades”, e também a “Universidade sem condição” não seriam simplesmente uma invenção radical do presente, mas, em vez disso, negociariam complexamente com as tradições da Universidade.<sup>1</sup> Para Derrida, tais instituições permanecem inconcebíveis sem o que ele denomina de “*artfactuality*” e “*actuvirtuality*”, em “The deconstruction of actuality”. Tais características se referem a efeitos complicados de espectralidade, virtualidade, o “como se” e a mediação do “real no presente”.<sup>2</sup> Falar de tal fenômeno contemporâneo é, sem dúvida, necessário e inevitável, mas é, também, por óbvias razões, um pouco contraditório, pois, enquanto planos concretos, não estão afastados do pensamento de Derrida. A instituição de novas instituições deve ser feita ao lado de certo entendimento entre essas forças e efeitos, que, de alguma maneira, se refletem no contemporâneo.

<sup>1</sup> DERRIDA, J. *A Universidade sem condição*. Em complexa negociação com as tradições da Universidade, veremos nos capítulos subsequentes do presente estudo, onde lidamos com a desconstrução do ensino, o corpo docente e as questões relacionadas às Humanidades. (Há uma boa análise dessas questões no artigo de Peggy Kamuf, “The University in the World it is Attempting to Think”. Esse artigo está na revista *Culture Machine*, v. 6, 2004, disponível em: <http://www.culturemachine.net/index.php/cm/article/view/3/2>.

<sup>2</sup> DERRIDA, J. *The deconstruction of actuality*. p. 85-116.

Como já vimos, durante os anos 1970, Derrida participou da fundação do Grupo de Pesquisa sobre o Ensino de Filosofia (Grep), tendo um papel importante como “ativista”. Ele ajudou a mobilizar a oposição às propostas do governo, de modificar o sistema educacional francês, que impunham novas restrições à filosofia no currículo escolar. O Estado Geral da Filosofia, em 1979, e sua participação na fundação do Colégio Internacional de Filosofia (Ciph), em Paris, sem falar em sua conexão com o Parlamento Internacional de Escritores e a Unesco, durante os anos de 1990, mostram o interesse contínuo de Derrida em lançar vários projetos políticos, filosóficos e literários. A complexidade da ligação entre desconstrução e contrainstituição faz com que as propostas de Derrida em relação às instituições se desviem dos discursos recentes sobre mudança institucional.<sup>3</sup> É importante diferenciarmos o trabalho recente de Derrida sobre a Universidade do momento histórico ou conjuntura atual. Essa diferença deve ser pensada a partir de uma temporalidade mais complexa, como, por exemplo, “*artfactuality*” e “*actuvirtuality*”. E deve estar presente em uma análise sobre a ideia de contrainstituição.

Derrida não foi o único intelectual que se envolveu com a publicação de textos que indicavam um “repensar” sobre a Universidade contemporânea. Durante a década passada, uma literatura inteira emergiu, produzida por vários críticos e pensadores que trabalharam com uma diversidade de cenários nacionais, que além de investigarem o momento delicado da Universidade contemporânea, sugeriram possibilidades futuras para a vida acadêmica, tendo em vista o jogo variável de circunstâncias que cercam as instituições educacionais.<sup>4</sup> Vários dos textos que adquiriram importância se dedicaram à tarefa de analisar a *questão* da instituição. Uma tarefa que envolveu uma investigação rigorosa, concernente à fundação ou à instituição de instituições e à cuidadosa reflexão sobre as condições e os efeitos que estabelecem sua possibilidade e caracterizam sua história. Naturalmente tal análise procede de perspectivas que não são propriamente filosóficas. Mais recentemente,

<sup>3</sup> A complexa rede que acompanha a negociação de Derrida na questão da reforma educacional e o futuro da filosofia na França de 1970 em diante é documentado na série de textos coletados em: *Whos's afraid of Philosophy* e *Eyes of the University* (O olho da Universidade), bem como em algumas entrevistas encontradas em *Negotiations – Interventions and Interviews – 1971-2001*, particularmente a entrevista com o mesmo título do livro. Os cálculos estratégicos feitos por Derrida em vista da especificidade, da mutabilidade e, frequentemente, da duplicidade de uma interação complicada de forças são amplamente abordados nesses textos.

<sup>4</sup> Dois exemplos-chave estão em: Samuel Weber, *Institution and interpretation*, e Peggy Kamuf, *The division of Literature or University in deconstruction*. Ambos recebem particular menção em *A Universidade sem condição*. Outras contribuições e debates recentes sobre a Universidade incluem, naturalmente, a grande influência de Readings (*University in ruins*), assim como de Wortham, “Rethinking the University”. Outras figuras associaram-se ao debate sobre a Universidade contemporânea, incluindo J. Hillis Miller, Nicholas Royle, Timothy Clark, Henry Giroux, Peter Trifonas e Gerald Graff.

no entanto, tais textos têm sido complementados pelo crescente interesse na possibilidade de reorientação da paisagem institucional.

Dependendo das circunstâncias, tal reorientação pode tomar uma variedade de formas. Por exemplo, no Brasil, existem auditorias sobre o andamento do ensino da Universidade em relação à gerência e à qualidade – como procedimentos de notas concedidas aos programas de pós-graduação. Isto implica uma vasta máquina de financiamento programada de acordo com requisitos muito específicos, interesses e preocupações. Essa tese não deixa de tentar estimular o aparecimento de contrainstituições que negociem esse campo particular. Além do mais, a reorientação da paisagem da instituição talvez envolva o surgimento de novas instituições. Essas novas instituições poderiam, por exemplo, estar ligadas à ideia de explorar novas tecnologias e meios de comunicação, alcançando países diferentes. Elas podem também implementar planos de transformação (ou de complementação) de parte ou de toda a Universidade que nós herdamos. Essa Universidade que nós herdamos Derrida não sabe muito bem defini-la. Para ele, ela aparece pelo menos de duas formas: como conjunto concreto de condições materiais e práticas; e como uma ideia que está abalada na atualidade. Derrida trata disto melhor no texto “*Mochlos*”, do qual falaremos mais adiante, especialmente no Capítulo 3. Nesse capítulo, também falaremos do ensaio *A Universidade sem condição*, de Derrida, um exemplo de trabalho recente que sugere negociar a complexidade dessas possibilidades diferentes, mas necessariamente relacionadas.

Em “Sendoffs”, que consta do apêndice de *Right to Philosophy (Do Direito à Filosofia)*, Derrida conclui dizendo aos ouvintes: “Cabe a vocês agora instituírem a mudança”. Como se Derrida chamasse os ouvintes para a ação, ou seja, para decidir sobre a origem e a direção da questão da Universidade, das humanidades. Tais temas são chamados para serem pensados. “Não se apresse, mas seja rápido, porque você não sabe o que te espera” são as últimas palavras de Derrida nessa ocasião.<sup>5</sup> Apesar do tom aparentemente urgente, há um duplo significado aqui. Derrida parece estar dizendo: “É claro que quem tem propensão filosófica não está acostumado à precipitação, mas a situação pressiona, e nós não devemos demorar demais”. Seja como for, esse problema da velocidade, do passo, ou do ritmo de mudança, também exige análise – análise que para ser eficiente não pode cair na oposição tradicional entre pressa e demora.

Alguns são impacientes e querem ter acesso diretamente às coisas mesmas e alcançar sem espera todo direito, toda a verdade contida nos problemas graves que aparecem a todos. Eles não se esquecem de julgar como lúdica, preciosa e formal, e até fútil, uma análise que desenvolve esse evento de significações e de frases possíveis: Por

<sup>5</sup> DERRIDA, J. Sendoffs. In: *Right to Philosophy 2*. p. 237.

que essa lentidão e essa complacência? Por que essas etapas linguísticas? Por que não falar para nós de forma direta as verdadeiras questões? Por que não ir direto às coisas mesmas? Bem entendido, nós podemos compartilhar dessa impaciência, mas também pensar, no meu caso, que não ganharemos nada em ceder imediatamente, a não ser produzir uma história, de interesses, uma forma de estrutura hipócrita, que é sempre melhor começar por reconhecer dando-se tempo para observar e analisar. Pois isso é justamente um certo direito à filosofia.<sup>6</sup>

Em vista das dificuldades em que a própria Universidade se encontra hoje, queremos explorar esse “outro” ou essa contratemoralidade, não só da contrainstituição, mas do próprio “contra”, ou seja, de uma lógica “contrária”, para o surgimento da contrainstituição, que, no Brasil, adquire um sentido de urgência. Contudo, é importante mostrar porque não podemos simplesmente forçar o surgimento de uma contrainstituição. Como a análise de Derrida se desvela – *enquanto toma seu tempo* –, nós sugerimos que o “contra” comece a estar presente nos debates, demonstrando, com isso, uma certa *artfactuality* ou *actuvirtuality*. Ainda por vir, o “contra” aparece entre os ritmos da atualidade.

## 2.2

### Contratemoralidade

O termo “contra” não parece ser um termo especialmente privilegiado, e nem parece estar incluído no vocabulário clássico da desconstrução. Naturalmente, alguém imediatamente pensa na “contra-assinatura” ou no “contrabando” como termos significativos. Mas o termo “contra” raramente participa dos neologismos da desconstrução. Durante o período “clássico” da desconstrução, como já dissemos, as conotações culturais da palavra “contra” provavelmente teriam evocado o espírito revolucionário dos anos 1960 – como na ideia de “contracultura”, por exemplo. Só recentemente Derrida falou abertamente sobre seu amor à palavra e chamou a atenção pelo modo como o termo “contra” influenciou seu trabalho. Assim podemos dizer que Derrida se pronunciou tardiamente.<sup>7</sup> O uso do termo “tardiamente”

<sup>6</sup> DERRIDA, J. *Du droit à la philosophie*. p. 14-15

<sup>7</sup> DERRIDA, J. Counter-Signature. *Paragraph* 27, n. 2, p. 7-42. Nesse texto, originalmente uma conferência em Cerisy, em 2000, Derrida fala de sua relação com a palavra “*countersign*” e também demonstra a participação do termo “*contre*” (em seu estilo ambíguo) em uma variedade de textos ao longo do seu trabalho — em particular, termos como “contratempo”, “*contrepartie*” e “*contre-exemple*”. Em cada um, a noção de oposição, que normalmente é associada à palavra, é acompanhada e dificultada por um sentido de proximidade, de *face a face*, rompendo a interação ou a resolução dialética imposta pela tradição. Assim o “*contre*” é contra alguma coisa, ao mesmo tempo que “está com”, “está de acordo”. Derrida deseja deslocar a distinção feita pela metafísica entre espaço e tempo. Assim esses termos não chegam a adquirir um estado de conceitos plenos ou rotulados, embora não deixem de estar fortemente relacionados com a *desconstrução*.

aparece com um certo grau de ironia. O que é “tardio” em desconstrução (ou em contradestruição) deve ser imaginado, como nos esforçamos para mostrar, em termos de uma outra temporalidade – em que adiamento e a demora são somente uma parte da estrutura temporal mais complexa da *différance*. Um “aqui e agora” que se desdobra, como Derrida diz em *Espectros de Marx*, talvez mesmo antes de seu tempo.

Não há *différance* sem alteridade, não há alteridade sem singularidade, não há singularidade sem aqui agora.<sup>8</sup>

Neste livro, Derrida mostra que a *différance* na sua irredutibilidade envolve o espaçamento de uma promessa e do futuro (por vir), que não pode ser comparado simplesmente com atraso, demora ou adiamento. Como ele diz:

Na incoercível *différance*, arrebenta o aqui-e-agora. Sem atraso, sem prazo, mas sem presença, é a precipitação de uma singularidade absoluta, singularidade porque diferente, justamente, e sempre outra, ligando-se necessariamente à forma do instante, na iminência e na urgência: mesmo se ele se dirige para o que fica por vir, existe o penhor (promessa, compromisso, injunção e resposta à injunção etc.). O penhor se dá aqui e agora, antes mesmo, talvez, que uma decisão o confirme.<sup>9</sup>

E como o próprio Derrida mostra, a promessa naturalmente participa da forma, da estrutura ou do movimento da *différance*, que questiona o modo do “aqui e agora”. Nem só aqui, nem só agora. O que permanece e constitui o presente é precisamente a sobra.

Muito foi dito sobre a política tardia da desconstrução, no sentido desta negar a linguagem política corrente dos conceitos adquiridos de maneira apressada. Derrida mostra a desconstrução como “resistência” ao modelo corrente, propondo novos acontecimentos políticos e institucionais. Geoffrey Bennington mostrou como a reticência de Derrida sobre alguns tipos de declarações políticas demonstra sua reserva aos modelos metafísicos que se apoiam na concepção clássica do “político” e que muito frequentemente produzem efeitos indesejáveis até na esfera da política “radical”. Durante o período em que o espírito revolucionário estava em voga nas instituições como um todo, o vanguardismo intelectual de Derrida poder ter ditado sua prudência em não criticar os argumentos da esquerda.<sup>10</sup> Isso é algo que o próprio Derrida confirma na entrevista “Politics and friendship”. Derrida entendeu que, se ele fizesse sua crítica particular à doutrina do Partido Comunista Francês, nos anos 1960 e 1970, ele seria visto como um pensador de direita. Assim, Derrida parece “ter

<sup>8</sup> DERRIDA, J. *Espectros de Marx*. p. 51.

<sup>9</sup> DERRIDA, J. *Espectros de Marx*. p. 50.

<sup>10</sup> BENNINGTON, G. *Derrida and Politics*. p. 193, 198-199.

chegado atrasado” na política. Num texto da segunda metade dos anos 1970, “Where a teaching body begins and how it ends”,<sup>11</sup> Derrida admite um atraso semelhante<sup>12</sup> quando faz uma análise sistemática do cenário institucional (a Universidade). Ele estabelece um contexto privilegiado para o compromisso intelectual com as questões sociais e as políticas atuais. A declaração de Derrida sobre esse “atraso” toma a forma de uma reflexão explícita sobre o ensino de filosofia, num tempo em que a proposta de reforma do sistema educacional francês teria implicado uma redução ou diluição da educação filosófica – com grandes consequências sociais, culturais e políticas. Parece-nos que a restrição da filosofia é feita para desestimular a ação política. Assim o contramovimento político indica mais e não menos “filosofia”. E ainda, por outro lado, na “filosofia” de Derrida nunca se pode estar preparado para a imprevisibilidade ou para a violência ininterrupta de uma decisão genuína ou ação. Esse aspecto inconcluso da ação e da decisão conserva uma recusa da redutibilidade (que dá origem ao paradoxo de que a decisão sempre chega muito cedo ou tarde demais).

Em “Privilege: justificatory title and introductory remarks”, Derrida fala de um direito à filosofia, que deve ser pensado sem desvio ou demora. É interessante notar que esse texto vem antes de “Where a teaching body begins and how it ends”, em *Right to Philosophy*.<sup>13</sup> Nesse texto, Derrida mostra a força que possui um título, suas limitações e privilégios. Ele começa falando do próprio título do livro. O que significa um título de uma obra? Ao que ele remete? O que ele delimita e o que ele pressupõe? O título *Right to Philosophy*, por exemplo, tem seus limites, suas valorizações e uma multiplicidade de sentidos possíveis.

A gente deveria começar a descapitalizar. Precisaria empregar e desenvolver essas significações. A formulação “*Do direito à filosofia*” pode permanecer concentrada somente como um título; o que tira dela sua autoridade, seu poder, seu crédito e privilégio de poder renunciar a fazer frases e explicitar-se. O seu privilégio, justamente contido no seu lugar e na sua unicidade, é de poder permanecer inexplicado, dando a crer que ele tenha muito para dizer. Esse privilégio é sempre garantido pelas convenções, aquelas que regulam o uso dos títulos na nossa sociedade, sejam títulos de obras ou títulos sociais.<sup>14</sup>

O título possui um privilégio pelo simples fato de ser um título, seja ele de obra, social ou institucional. Se o título fosse considerado de maneira simples,

<sup>11</sup> DERRIDA, J. Where a teaching body begins and how it ends. In: *Right to Philosophy* 1. p. 67-98.

<sup>12</sup> DERRIDA, J. Where a teaching body begins and how it ends. In: *Right to Philosophy* 1. p. 70.

<sup>13</sup> DERRIDA, J. Privilege: justificatory title and introductory remarks. In: *Right to Philosophy* 1. p. 1- 66.

<sup>14</sup> DERRIDA, J. *Du droit à la philosophie*. Paris: Éditions Galilée, 1990. p. 10-11.

apenas como um nome, perderíamos de vista o que ele tem de mais precioso, que é o privilégio de poder se explicitar e de poder renunciar a responder perguntas. Se acaso ele renuncia a falar sobre algo, ele sempre dá a entender que tem algo a dizer. Ao falar sobre o título, é dito que todo título implica uma autoridade por possuir certos privilégios. Um título ao ser enunciado instiga pensamentos, transmite algo. Tal privilégio desemboca na necessidade de explicação do título. Por exemplo, quando falamos de Universidade, logo delineamos seu contexto: ensino, ciência e pensamos logo que por trás desse título há uma explicação completa sobre o que seja a Universidade. O simples título “Universidade” já nos leva a pensar na existência de uma explicação. Derrida acentua que tais análises são mesmo complicadas e difíceis, mas isso é o próprio direito da filosofia. A filosofia deve pensar essas questões de maneira minuciosa. Derrida diz que analisar as questões de título de uma obra é uma questão complexa, pertinente mesmo à filosofia. Assim o título “Filosofia” nos traz várias demarcações e indicações e, entre elas, está a maneira profunda e complexa de abordagem. O título fornece direitos, e um dos direitos contidos no título “Filosofia” é o direito de questionar criticamente e sem pressa, numa demonstração de amizade com o conhecimento (filosofia). Nota-se que Derrida coloca questões que, à primeira vista, parecem estranhas para uma análise da filosofia e da Universidade, como a questão do título. Ele coloca ainda outras questões mais estranhas, como, por exemplo, a questão da ameaça. O que a “ameaça” teria a ver com uma análise da Universidade e da filosofia? A filosofia, por sua vez, nos leva a uma ameaça com o seu sentido explicativo. Pois toda explicação é ameaçada pelo inexplicável, pelo que não tem como ser dito.

As instituições são títulos no sentido de autoridade, de quererem dizer algo ou sobre algo. E são títulos no sentido de que concedem títulos como doutor, mestre, vítima, acusado, condenado. A questão do título é um dos primeiros passos tomados na direção de uma análise desconstrucionista que considera que nada acontece fora do texto.<sup>15</sup> Na vida prática, talvez não haja espaço para pensarmos o que acontece

---

<sup>15</sup> Tal questão se reflete na ideia de *escritura*, que, a partir de uma “não separação” entre fala e escrita, significado e significante, se propõe outra perspectiva sobre a linguagem, que não valorize mais o sistema dicotômico. A complexidade do pensamento desconstrutor se dá na “não” aceitação dessas separações sustentadas pela tradição que, em última instância, implicam uma presença, uma solução. O mundo acontece a partir da linguagem e por isso todo seu jogo é considerado “texto”. No texto derridiano, não há as separações tradicionais e dicotômicas da metafísica, tampouco a linguagem é compreendida de uma forma tradicional. Vejamos o que escreve Bennigton no livro *Jacques Derrida* (p. 66): “Começamos a duvidar de tudo o que pode em aparência limitar a desconstrução à linguagem tradicional (é a nossa única possibilidade de compreender que não exista nada fora do texto): um conceito clássico que serve habitualmente para pensar o limite entre o *texto* e o *fora-texto* é o de *contexto*, que se aplica, frequentemente, de maneira obscura e impensada, tanto ao contexto estritamente discursivo (a que chamamos, algumas vezes, de “contexto”) quanto aos conceitos “reais” extradiscursivos, políticos, sociais, em geral “históricos” (...) só existem contextos, e só se pode proceder à distinção habitual texto-contexto se já se tomou o texto em si mesmo, fora de “seu” contexto, antes de exigir que seja recolocado nele (...). Para ler um texto fora do contexto, é preciso já estar em seu contexto”.

antes do aparecimento dessas instituições, o que aconteceu antes delas, como foram nomeadas. Mas é tarefa do pensamento mostrar o caráter aporético do jogo das significações.<sup>16</sup>

Em “When a teaching body begins and how it ends” (Onde começa e como acaba um corpo docente), Derrida diz que a “contrainstituição” “é e não é” uma parte da assinatura de Jacques Derrida. Ele não deseja “marcar ou assumir” o Greph: “Eu, de modo nenhum, comprometo ou dirijo o grupo”,<sup>17</sup> diz. Assim como na entrevista “Negotiations”,<sup>18</sup> ele cultiva uma certa distância e desprendimento a respeito do Ciph, mas, ao mesmo tempo, reconhece que isso não é fortuito: “Eu ao menos apareci para tomar a iniciativa, num seminário que eu conduzi para a formação do Greph”,<sup>19</sup> e diz explicitamente que isso não deve ser esquecido nem deixado de fora da análise. A contrainstituição vem, portanto, antes e depois de Jacques Derrida. A assinatura de Jacques Derrida está à mercê de uma sempre indecisa e rompedora sequência temporal, advinda da contingente relação de nomes – ou, em outras palavras, da contra-assinatura. De fato, se Derrida eficientemente inaugura, antecipa, e assim apropria o Greph, o grupo deve suportar a marca de um retardatário. Derrida estava inegavelmente no início da criação do Greph e do Ciph, mas o processo foi lento no seu início. Embora seja visto como positiva a ideia da contrainstituição, ela parece sempre chegar atrasada – nunca plenamente presente no próprio registro da desconstrução. Assim, como Bennigton escreveu, talvez seja mesmo imprópria a relação entre “contra” e desconstrução.

A assinatura é precisamente o que a distingue do nome próprio em geral, tenta recuperar o próprio que vimos desapropriar-se logo no nome (...). O ato de assinar, que não se reduz à simples inscrição de seu nome próprio, esforça-se, por um rodeio suplementar, em reapropriar a propriedade sempre já perdida no nome mesmo.<sup>20</sup>

Naturalmente, datas podem ser falsificadas, assim como assinaturas podem ser forjadas. Datar a assinatura representa a tentativa de alcançar a presença e de legitimar a assinatura ou o “nome próprio” da assinatura dentro da lei. Mas a assinatura adquire validade só em condição de sua repetição. A assinatura *torna-se* uma assinatura não em seu ponto de origem, mas no ponto de repetição. A “primeira

<sup>16</sup> Vemos, então, a importância da ideia de rastro, que mostra como toda nomeação nunca é original; ela ocorre mediante uma nomeação anterior que nunca tem uma raiz inicial.

<sup>17</sup> DERRIDA, J. When a teaching body begins and how it ends. In: *Right to Philosophy* 1. p. 71.

<sup>18</sup> DERRIDA, J. Negotiations. In: *Negotiations: Interventions and Interviews – 1971-2001*. p. 11-15.

<sup>19</sup> DERRIDA, J. When a teaching body begins and how it ends. In: *Right to Philosophy* 1. p. 71

<sup>20</sup> BENNINGTON, G.; DERRIDA, J. *Jacques Derrida*. p. 108.

assinatura” não é simplesmente uma assinatura – desde que a função e o valor de uma assinatura dependem do que é comparado com ela.

Qualquer assinatura é uma assinatura só em condição que chama ou promete uma contra-assinatura. Derrida invoca o exemplo dos cheques de viagem que alguém assina antes da partida, mas que tem que ser referendado na chegada. Se alguém está para receber o dinheiro do outro, a validade dessa contra-assinatura deve ser garantida por sua semelhança à assinatura original, “pelo fato mesmo de toda assinatura ser somente lembrança e promessa de contra-assinatura”.<sup>21</sup>

O “contra” sempre chega tarde à assinatura. A assinatura é sempre já contra-assinatura, e todo o tempo deve vir depois de si própria. O “contra” se relaciona com a assinatura, assim como o “contra” se associa à desconstrução (ou aos textos que Derrida assina). Desconstrução é, afinal de contas, sempre contradestruição. O contra se esconde. Deve ele vir tardiamente? Vem com a força de uma promessa ou da estrutura promissória do “por vir”. Nós podemos dizer que o contra abre uma linha de crédito para quem assina. Ao tomar uma posição de qualquer espécie, portanto, a contrainstituição sempre deve negociar com a exigência de cumprir uma ação – essa exigência é, naturalmente, inevitável, assim como a “tomada de posição” sempre será uma contingência necessária – , mas deve fazê-lo de maneira a negociar com o que o chama ou funda. Como uma negociação, é sempre urgente e totalmente interminável.

Para a desconstrução, o “contra” – por exemplo, o “contra” da contra-assinatura – implica certa disjunção, um desvio, uma pausa, uma hesitação, um retardamento ou um fracasso que denota impontualidade. O adiamento já é sempre parte característica do “contrário”. A “contrainstituição” (Grephe) e a contra-assinatura são associadas a essa impontualidade (que talvez seja mais bem entendida como algum outro do que presença no sentido convencional). Vistas dessa maneira, contrainstituições não podem ser fundadas simplesmente para empreender a tarefa de ação “radical” urgente, como pedido no discurso esquerdista tradicional. Tais discursos acabam por abafar um pouco a questão da desconstrução – ou o que Wortham insiste em chamar de contradestruição.<sup>22</sup> A desconstrução não deixa de negociar e demonstrar solidariedade, mas, mesmo que seja uma intervenção ativista de causas políticas, não deixa de estar no limiar entre hipocrisia e não hipocrisia.

O que tentamos aqui é sugerir que há uma *outra* radicalidade do “contra” (que põe a própria radicalidade em questão), que nos adverte para não entender as contrainstituições como instrumentos para dirigir causas ativistas ou programas de qualquer espécie. As contrainstituições podem e devem participar de tais lutas, mas

<sup>21</sup> BENNINGTON, G.; DERRIDA, J. *Jacques Derrida*. p. 118.

<sup>22</sup> WORTHAM, Simon Morgan. *Counter-Institutions – Jacques Derrida and the question of the University*.

elas também devem permanecer irredutíveis a uma lógica de autojustificação em tais termos.

Essa outra radicalidade do “contra”, que encontramos na desconstrução, implica que contrainstituições não devem ser fundadas como tais. Mesmo porque, de fato, é literalmente *impossível* uma fundação (dada a característica do “contra”, que se aproxima da *différance*). Tais instituições dariam origem a um paradoxo indesejável: em desferir golpes no “possível”, no “factível” no “pragmático” ou, em resumo, o “presente” tendo o “impossível” como limite. Em “As pupilas da Universidade: o princípio de razão e a ideia de Universidade”, Derrida adverte sobre as simples afirmações de liberdade acadêmica e sobre o ideal de autonomia, que, freqüentemente, são pretextos para aqueles que desejam dominar a pesquisa universitária. Tal domínio é tão poderoso que, por vezes, é feito de maneira oculta ou clandestina. A contrainstituição “radical” retém certa independência em relação a interesses e convenções, ao mesmo tempo que está aberta ao outro.

Em *A Universidade sem condição*, por exemplo, Derrida escreve:

(...) como nos departamentos de tecnologia os interesses comerciais e industriais aparecem sob a alcunha de “patrocinador”, ocasionando uma situação de financiamento onde as humanidades se tornam presas fáceis. Ficando vulneráveis e até mesmo reféns em termos institucionais.<sup>23</sup>

Nesse sentido, a crítica incondicional da desconstrução se organiza não segundo uma finalidade, mas segundo um horizonte, e aí se apresenta o papel das Humanidades, das “novas humanidades”, que deverão decidir o sentido desconstrucionista das instituições universitárias, bem como seu próprio futuro como estabelecimento de ensino. Dupla tarefa desconstrutiva da Universidade: quanto ao caráter interno da sua crítica e quanto à tarefa de resistência da Universidade (e, em especial, das Humanidades).

A Universidade é, para Derrida, “sem condição”. Sem condição, por um lado, porque ela está em uma situação de heteronímia, pois é autorizada por leis externas a ela. Mas, por outro, porque a Universidade revela uma impossibilidade: a de colocar em questão seu próprio procedimento. Mas esse caráter de impossibilidade tem para Derrida a função de definir, de direito, o que é ou “o que pode” a Universidade. Pelo seu caráter mesmo de “sem condição”, a Universidade deve impor uma questão que é, necessariamente, uma questão política, mas não só isso. Trata-se de uma questão mais ampla: uma questão não exclusivamente econômica, jurídica, ética ou política:

Pode a Universidade (e de que maneira?) afirmar uma independência incondicional, reivindicar uma forma de soberania, uma espécie bem original, uma

<sup>23</sup> DERRIDA, J. *A Universidade sem condição*. p. 21.

espécie excepcional de soberania, sem nunca se arriscar ao pior, a saber, em função da abstração impossível dessa soberana independência, ter que se render e capitular sem condição, deixar-se conquistar ou comprar a qualquer preço?

No entender de Derrida, a resposta a essa questão tem um valor organizativo, configurativo: ela impõe que a Universidade se organize como uma força de resistência.

Em resumo, essa nova soberania da contrainstituição é mostrada menos no limite da eterna autonomia das humanidades tradicionais (que, como Derrida revela, fizeram as humanidades tornarem-se suscetíveis de abuso externo) do que como o momento de desestabilização da resistência e da temporalidade, ligado ao traço do “contra”. Se atentarmos para as observações de Derrida sobre a criação e as atividades do Ciph (principalmente em *Negotiations*), percebemos claramente que o Ciph é um colégio sem cadeira permanente, sem programa e sem orientação prévia. O Ciph fornece algo como um modelo para a contrainstituição.

### 2.3

#### Contra definições

É importante atentarmos para algumas definições do dicionário, que podem estar relacionadas à contrainstituição. Observando o *English Oxford Dictionary*, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e as indicações de alguns dicionários franceses, compiladas pelo *Centre National de Ressources Textuelle e Lexicales*, podemos perceber múltiplas definições da palavra contra. Vejamos algumas.

1) No *English Oxford Dictionary*, “contra” é, antes de tudo, encontrar-se, entrar em contato. A suposição é que esse “contato” envolve a oposição de entidades distintas e plenamente constituídas de antemão. Aqui nós acentuamos mais uma vez a contratemporalidade do “contra” (“contra” vem “depois”). E só depois o “contra” significa “ir no sentido oposto a”; “contra” como “agir ou falar em oposição a”. A fim de checar, opõe-se, contradiz, discute, mente ou tende à direção oposta. O “contra” (*counter*) é definido como o que conta, calcula. Por outro lado, é um aparelho para fazer a contagem, ou algo usado para contar, ou até uma tabela ou escrivaninha para contar dinheiro tal como um escritório ou uma tabela de trocador. Aqui, o “contra” se divide em diversos sentidos: o de um corpo ou máquina que conta, calcula; o de um objeto, especificamente um móvel, que orchestra relações espaciais e hierárquicas a partir de um processo de distribuição e de divisão. O “contra” então se divide. A oposição plena e firme só ocorre *depois*, ou na condição do que deve pressupor. No entanto, tal divisão sempre será provisória, precária, violenta. Em outras palavras, uma instituição é sempre cruzada pelo “contra”.

É importante observar que a violência vem *antes*, não *depois*, e abarca todos os lados e toda definição. Uma violência originária faz com que o “contra” venha antes de si mesmo. Nascido da disjunção violenta entre o atraso *e* o avanço do futuro anterior, a contrainstituição sempre deve negociar essa violência.

2) Algumas definições da palavra “contra” encontradas no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (p. 819): em posição direta com; em movimento contrário; em direção ou sentido oposto; de encontro a um ponto de apoio; como defesa ou proteção; para alívio ou extinção de; de face para; tendo como adversário; em discordância; com propósito contrário; em confronto com; na proporção de sobreposto a; muito próximo, em troca de; como débito de; contra seu próprio time; aspecto negativo; resposta negativa; desfavoravelmente.

3) Seguindo as indicações de alguns dicionários franceses, compiladas pelo *Centre National de Ressources Textuelle e lexicales* (disponível em <http://www.cnrtl.fr/definition/contre>), encontramos os seguintes significados para a palavra “contra”:

3.1) Expressa um movimento no “sentido de” ou resistência: *contre*• Manifesta o contato íntimo ou de choque depois de uma jogada:

Ex: Ele coloca uma escada contra a parede. Ele nada contra a corrente.

- No oeste da Suíça, contra significa “na direção” (com ou sem a ideia de movimento):

Ex: Indo contra a casa, contra a cidade.

3.2) Expressa uma relação de hostilidade, de luta.

- Contra exprime a ideia de hostilidade ou de ameaça, juntamente com o verbo.

Ex: Ele vocifera contra alguém, ele protestou contra o projeto.

Os verbos mais comuns ou substantivos precedentes à palavra “contra” expressam o ataque e a hostilidade:

- A) Verbo + contra : ir, lutar, conspirar, raiva, irritação, aborrecimento, indignação, revolta, raiva, reagir, levantar, argumentar etc.
- B) Subst. + contra: ataque, campanha, raiva, luta, força, paixão, guerra, ódio, raiva, tomar partido contra, protesto, reação, revolta, ressentimento, argumentação, debate, prova. Em menor medida, expressam a ideia de defesa, de resistência.
- C) Verbo + contra : defender, proteger, proteger etc.

D) Subst. + contra : Sseguro (ser, fazer), alerta, denúncia, , proteção, etc.  
Funciona também como sinônimo de “ao contrário”.

3.3) Fazer a troca, a relação entre duas grandezas:

Ex: Trocar um lote contra uma casa; Aposto dez contra um.

4) No *Oxford English Dictionary*, consta que em tempos passados o “contra” era usado principalmente para fazer uma conta ou calcular possibilidades. Há várias referências do “contra” relacionado a esportes e jogos. Em patinação, “contra” se refere a uma volta em que o corpo é revolvido numa direção oposta. O “contra” acontece em um jogo em que um ataque é feito como se o próprio adversário fosse levado a atacar; “contra” é, portanto, usar o golpe de um antagonista para impulsionar o retorno de seu próprio golpe. É golpear com um golpe-contrário, projetado, enquanto se recebe a força do outro. O pugilista, por exemplo, espera para utilizar a força do outro.

No texto *Mochlos*, Derrida mostra as condições de possibilidade para repensar a Universidade. Tais condições estão relacionadas a uma força contrária. A alavanca (*mochlos*) é usada para externar a força contra o corpo que se apoia nela e a opera por meio da própria pressão do corpo. Falaremos desse texto nos próximos capítulos. Em *Negotiations*, Derrida explica bem o que é dito em *Mochlos* a respeito da “força impulsionante de uma alavanca”:

A força é sempre uma “diferença de força”. A força é diferencial, não há uma substância de força. Quando alguém diz que essa força é diferencial, diz realmente que essa força não é algo. Não é algo que é estabilizado como um fenômeno. Em outras palavras, podemos pensar que força é sempre força contrária. Uma força “contra a força” e “contra o conceito de força”. Isso é o que permite a “contraforça” acontecer.<sup>24</sup>

No *Oxford English Dictionary*, vimos também que o termo “contra”, em meados do século 14, significava “escritório de contabilidade”, enquanto no século 15, estava ligado a escritório, corte ou corredor de justiça, mas, ao mesmo tempo, à prisão unida à corte de alguma cidade.

5) Para não deixar de mencionar a importante pesquisa etimológica da palavra “*chez*”, feita por Samuel Weber, tentaremos compará-la com a pesquisa etimológica que fizemos sobre a palavra “contra”. Até arriscaremos uma relação entre “contra” e “*chez*”.

<sup>24</sup> DERRIDA, J. *A Universidade sem condição*. p. 21.

Em seu ensaio “Reading and writing – chez Derrida”,<sup>25</sup> Samuel Weber conduz uma pesquisa léxico-etimológica da palavra “chez” e de seus antecedentes. Ele encontra nessa pequena palavra uma variedade de possíveis significados ou sentidos. O “Casasier”, por exemplo, querendo dizer “homebody” – sua origem em “casasier” é derivada de “casana”, em italiano, “um banco”. O “Casasier”, então, se refere a um comerciante italiano residente na França. “Seu referente é ‘emigrar’”, anota Weber.<sup>26</sup> O emigrante (“emigre”) é visto como aquele que deseja estar em casa, mas é forçado a vagar. Na palavra “casemate”, “há um outro “emigre” italiano, que, desta vez, está ligada à palavra “casamata”,<sup>27</sup> que significa, literalmente, uma “madhouse”. Figurativamente, designa uma casa falsa e pode ser associada a “matar”. A “madhouse” está relacionada com a palavra “matadouro”. “Caso”, originalmente, queria dizer uma pequena casa ou bangalô; mais tarde, passou a referir-se a um quadrado ou caixa – as dimensões espaciais de uma tábua de jogo. Hoje, no entanto, “caso” indica uma subdivisão celular, enquanto o significado de “caser” se relaciona à guarda de pertences. Para Weber, “este mais organizado membro da família do ‘chez’ também suporta as marcas da desordem que procura dominar: o ‘casier’ é o registro gravado de infrações”.<sup>28</sup> Não inesperadamente, então, “casa” dá origem a “cassino”, “uma casa de transgressão autorizada e organizada, e acima de tudo com jogos de possibilidade”.<sup>29</sup>

Com isto, “chez” se relaciona, a nosso ver, com “contra”, pois o termo desorganiza o lugar “adequado” das instituições mais respeitáveis, como o escritório do Poder Executivo, as Cortes de Justiça e, sem dúvida, a Universidade.

6) “Contra” significa ir na direção oposta. Em caçada, portanto, sugere o momento onde “alguém segue o cheiro ou a trilha na direção inversa”. O “contra” também é definido no *Oxford English Dictionary* como “estando contra algo em oposição frontal”, mas essa oposição frontal aqui é ligada a “um certo desvio ou volta”.

7) Encontramos no *Oxford English Dictionary* que a ortografia oficial de “contra,” ao redor do século 17, era “compter”. Encontramos também no *The Bloomsbury Dictionary of Word Origins*, que, em inglês, “counter” (contra) tem o sentido de “enumerar”, indicando sua origem na palavra latina “computare”,

<sup>25</sup> WEBER. *Reading and Writing – chez Derrida*. p. 85-101.

<sup>26</sup> WEBER. *Reading and Writing – chez Derrida*. p. 90.

<sup>27</sup> WEBER. *Reading and Writing – chez Derrida*. p. 90.

<sup>28</sup> WEBER. *Reading and Writing – chez Derrida*. p. 91.

<sup>29</sup> WEBER. *Reading and Writing – chez Derrida*. p. 91.

querendo dizer “calcular”.<sup>30</sup> De fato, o *The Bloomsbury Dictionary of Word Origins* informa-nos que o inglês “compute” vem do latim “computare”, via o velho “conter” francês, que carrega o sentido de “somar e fazer uma conta”.

Em *Negotiations*, Derrida conta-nos que se deve negociar com a “contrainstituição” – e assim persegue uma contralógica, uma contrapolítica, que leva em conta a multiplicidade de ritmos. Isso, para Derrida, fornece uma “inimaginável, não apresentável, não objetivada imagem do corpo institucional”.<sup>31</sup> Derrida escreve:

No nó da negociação, há ritmos diferentes, forças diferentes, vibrações diferentes de tempo e ritmo. O nó da palavra veio a mim, e a imagem de um cabo. Um cabo com embaraço, um cabo composto de várias amarrações de fios. O cabo existe. Alguém imagina computadores com pequenos fios ligados, ligados onde as coisas passam muito rapidamente e também ligados onde as coisas passam lentamente: negociação é juntar todos esse s fios (...). Também cabos que passam sob o mar e milhares de vozes com entonações, isto é, com tensões diferentes e emaranhadas. A negociação é como um cabo e um número interminável de fios movendo ou tremendo em velocidades ou intensidades diferentes.<sup>32</sup>

Em “The deconstruction of actuality”, Derrida fala de “uma coisa que não se pode aceitar hoje em dia, seja na televisão, no rádio, ou no trabalho, é ‘um intelectual que não se apressa’”.<sup>33</sup> E o ritmo temporal não diz respeito somente aos meios de comunicação, que estão ligados aos efeitos de “aceleração cultural”. A aceleração é composta de diferentes ritmos. São acelerações heterogêneas que, proximamente, são relacionadas a desenvolvimentos técnicos e tecnológicos.<sup>34</sup> Em “The deconstruction of actuality”, a temporalidade, a tecnologia e a velocidade dos novos meios de comunicação são apresentadas como a própria “complicação” desses ritmos:

Este outro tempo, o tempo dos meios de comunicação, dá origem a outra distribuição, a outros espaços, ritmos, substituições, formas de discursos e de intervenções públicas. O que é invisível, ilegível e inaudível na tela, com a audiência mais ampla, fica ativo e efetivo.<sup>35</sup>

<sup>30</sup> AYTÖ. *The Bloomsbury Dictionary of Word Origins*. p. 140-141.

<sup>31</sup> DERRIDA, J. *Negotiations*. In: *Negotiations – Interventions and Interviews – 1971-2001*. p. 28.

<sup>32</sup> DERRIDA, J. *Negotiations*. In: *Negotiations – Interventions and Interviews – 1971-2001*. p. 29-30.

<sup>33</sup> DERRIDA, J. *The deconstruction of actuality*. In: *Negotiations – Interventions and Interviews – 1971-2001*. p. 89.

<sup>34</sup> DERRIDA, J. *Nietzsche and the Machine*. In: *Negotiations – Interventions and Interviews – 1971-2001*. p. 215-256, esp. 250.

<sup>35</sup> DERRIDA, J. *The deconstruction of actuality*. In: *Negotiations – Interventions and Interviews – 1971-2001*. p. 89-90.

Tal situação contemporânea “sempre deixa a necessidade de ‘contar com o oportuno’”;<sup>36</sup> precisamente, “contar” com ele, de acordo com os diferentes e heterogêneos “ritmos”, “substituições”, ou “distribuições” que nós achamos armazenados nessa pequena palavra.

Para dizer de outra maneira, *différance* é um movimento de adiamento e de diferença, que abre a “temporalidade do agora” e está imediatamente preocupado com esse “momento agora”. É importante observar os comentários de Richard Beardsworth, ao entrevistar Derrida em “Nietzsche and the machine”,<sup>37</sup> pois nessa entrevista ele nos convoca a pensar sobre o que significa a “demora” da desconstrução. Falaremos disto melhor nos próximos capítulos.

---

<sup>36</sup> DERRIDA, J. The deconstruction of actuality. In: *Negotiations – Interventions and Interviews – 1971-2001*. p. 89-90.

<sup>37</sup> DERRIDA, J. Nietzsche and the machine. In: *Negotiations – Interventions and Interviews – 1971-2001*. p. 248.